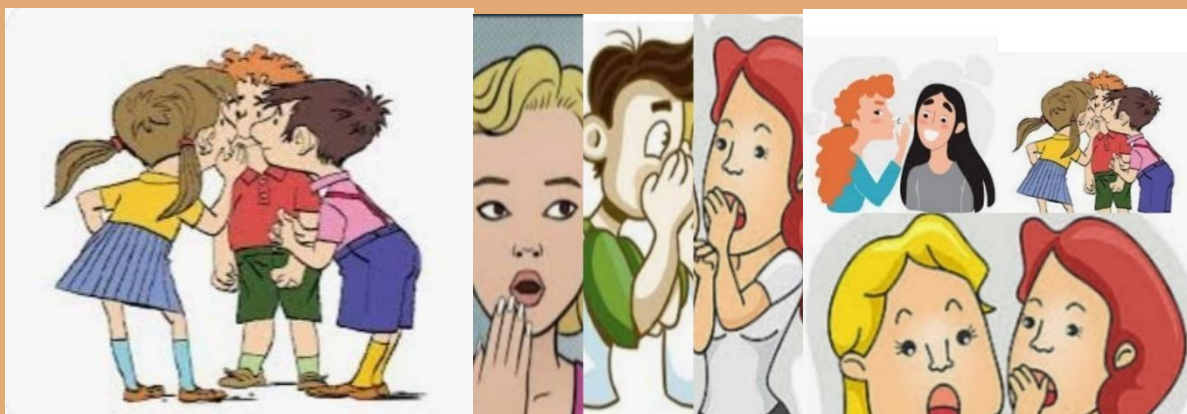


Desabafos e confissões de uma professora



Teresa Cristina Martins de
Araujo

Crônicas. Desabafos e confissões de uma professora.

Araujo, Teresa Cristina Martins de

Ano: 2023/12

Sumário

EU VEJO UM NOVO COMEÇO DE ERA!? EU VEJO ISSO POR CIMA DE UM MURO.....	4
COM LÁGRIMAS NOS OLHOS.....	6
ATPC – AOS TÃO POUCO COERENTES.....	9
ORAÇÃO DAS ÁGUAS	10
MARIDO À VENDA	11
SUCO DE LARANJA, PANDEMIA, PÓS- PANDEMIA E SUAS HISTÓRIAS. ...	13
A CURA.....	15
AS CONOTAÇÕES QUE A VIDA DÁ... ..	16
A LENDA DO ELEVADOR DA ESCOLA.....	18

EU VEJO UM NOVO COMEÇO DE ERA!? EU VEJO ISSO POR CIMA DE UM MURO...

Publicado em 11 de dezembro de 2013 por Teresa C. M. de Araujo

Como eu gostaria que fosse verdade, mas me apropriando mais uma vez da excelência musical de Lulu Santos posso afirmar que estamos a passos de formiga e sem vontade...

Sem descrever da força de vontade de uns... As tecnologias ainda são inacessíveis ou escassas a muitas pessoas e se tratando do âmbito escolar... a coisa piora muito mais.

Muitas escolas têm as chamadas salas de "Acessa" onde há entre dez e quinze computadores, mas os ingênuos acham que a modernidade flui...

Vou lhes dizer a verdade. De dez computadores, por exemplo, três funcionam. Professores se inibem ao usarem estes computadores, pois as escolas sabem que há muitos adolescentes e crianças vândalos, isso quando não invadem de madrugada a escola e roubam o restante dos computadores.

Deveria ter professores monitores permanentes na sala de "Acessa" para auxiliarem no uso e vigiar os "anjinhos".

Posso estar sendo radical e preconceituosa, mas é um erro colocar um jovem aprendiz para auxiliar os alunos e professores.

Na realidade que vivo quase sempre o "mocinho" nunca está na sala de Acessa e, convenhamos, deveria ter, no mínimo, dois monitores (manhã/tarde/noite) para suprir todos os períodos da escola.

Mas mudando um pouco de foco, já ouviram a "piada" de que os professores iriam ganhar tablets!? RaRaRa!

Detalhe: Não é dado... É emprestado. Somos somente tutores dos aparelhos; os aparelhos devem permanecer na escola; A manutenção ou qualquer dano ao aparelho é de responsabilidades do professor, mas se

caso o professor não cumprir suas responsabilidades em relação ao aparelho... Não se preocupe. Haverá um único professor que assinará um termo de responsabilidade por todos os tablets entregues na escola, ou seja, se um professor nunca mais voltar e levar embora o aparelho, o professor que assinou o termo de responsabilidade geral irá pagar o prejuízo...

“Muito interessante, esta professora está reclamando à toa” -- alguns leitores pensarão assim.

Queridíssimos leitores! O que adianta recebermos tablets se as salas de “Acessa” estão detonadas ou sem monitores para efetivarmos o uso?

E lanço mais uma questão aos meus leitores... Os professores agora têm tablets, mas para que servem se os alunos continuam com salas inadequadas com carteiras desconfortáveis, detonadas e alinhadas no padrão arcaico do positivismo europeu (nem a Europa usa o modelo positivista) e, sem contar que só temos a vista o bom e velho quadro negro!? E os alunos não irão receber tablets ou computadores, não que eu seja contra, mas ainda terão que se sujeitar a caneta, lápis, borracha e ao bom e velho caderno!?

Digam- me bons leitores, há coerência no sistema educacional “evolutivo”?

E a lousa digital que eu nem havia mencionado?

Estas lousas digitais só algumas escolas receberão e, detalhe, somente uma lousa digital entregue a cada unidade escolhida, sendo que uma escola tem em média de quinze a vinte salas de aula.

Eu tenho uma ideia para sugerir ao governo. Acabem com as salas de “Acessa” e coloquem em cada sala de aula computadores de acordo com o número de alunos, mas antes reestruturem e organizem os espaços escolares de um modo mais criativo e confortável para estimular o ensino-aprendizado dos educandos.

Acabo de lembrar, os alunos não precisam de computadores nas salas de aula... Eles têm os excelentes “cadernos do aluno”.

COM LÁGRIMAS NOS OLHOS...

Publicado em 11 de dezembro de 2013 por Teresa C. M. de Araujo

Hoje ouvi uma professora falar sobre um educando "terrível" que não fazia lições, zombava dos colegas e dos professores. Esta profissional relatou que havia chamado a mãe do garotinho.

Com lágrimas nos olhos e pensando em seus próprios filhos, esta professora, descreveu o que a mãe do menino de sexto ano do ensino fundamental disse:

"Este garoto é a peste!" A mãe verdadeira era usuária de drogas e largou- o comigo e sumiu no mundo. Anos depois eu soube que ela havia morrido infectada pelo vírus da AIDS e, ainda, mais... A mulher foi encontrada morta segurando um bebê recém-nascido que ainda lhe sugava o peito.

A professora fez uma pausa para soluçar e despejar sua tristeza ao relatar o caso. Continuou.

A responsável salientou "nem sou parente da dita cuja... e o garoto é rebelde, foge toda hora de casa e dá muita dor de cabeça... ele me culpa por não ter adotado o irmãozinho. Como eu iria cuidar de um bebê soro positivo!? Não quero mais este 'traste' em casa, as professoras e coordenadoras podem chamar o conselho tutelar" --- a responsável delegou a responsabilidade à escola.

A professora chorava e dizia que, às vezes, ficamos bravas e não entendemos o que se passa na mente destas pobres crianças.

Narrar a fala da responsável abateu muitíssimo a alma da nossa colega de profissão e de outros docentes que escutavam atentamente o caso.

Em sumo, não adianta chamar o responsável que alegou não querer mais o menino e como um lixo ela queria jogá-lo fora.

Os pais ou responsáveis não terem atitude com seus filhos isto é reflexo do paternalismo do governo e proteção sem diretrizes do ECA. Só

para salientar o descaso familiar, posso dizer com autoridade que a maioria dos pais só vai para escola saber dos filhos, ou melhor, tirar satisfações porque suspenderam a bolsa família (auxílio). A maioria dos pais não se preocupa com a qualidade e condições do ensino-aprendizagem.

Este fato, entre outros que já ouvi durante estes 12 anos de magistério que tenho nos faz refletir na importância de o Estado regularizar a existência de um profissional de psicologia para cada período da unidade escolar. Mesmo que o governo não possa, ou não queira colocar três psicólogos, que pelo menos dois sejam suficientes para mediar, auxiliarem e aconselharem tanto pais, professores, funcionários quanto os próprios alunos a lidarem com situações aflitivas e afetivas.

Não adianta insistir em manter professores auxiliares e dizer que eles são mediadores de conflitos. Adianta nada!

Na minha escola tem uma professora que se esforça como mediadora, mas em muitas situações ela diz que não pode ou não sabe o que fazer e tem outra mediadora que faz nada, fica direto no computador cuidando de sua outra profissão.... Ela é corretora de imóveis.

Se não há formação adequada para lidar com as questões psicossociais que pelo menos tenha a dignidade de custear a estas "mediadoras de conflitos" uma formação de qualidade em psicologia.

Além de, realmente, instituírem psicólogos formados e credenciados nas unidades escolares, o Estado deveria adquirir e consolidar parcerias mais amplas com postos de saúde, universidades de psicologia, entre outras instituições que possam auxiliar e apoiar na educação de estudantes portadores de necessidades especiais. Mesmo que o governo já o faça, é muito pouco!

Para finalizar a minha indignação e desabafo, espero que seja, também, de todos os profissionais da educação, sugiro que o CFP/CRP junto com a APOESP e Governo do Estado de São Paulo amadureçam a

ideia de colocarem cargos ou contratações efetivas para os psicólogos na rede estadual de ensino.

Esperamos que a utopia se transforme em realidade e, se isso acontecer, que os profissionais de psicologia sejam idôneos, responsáveis e humanistas ao tratarem ou auxiliarem nossas crianças e adolescentes.

Que Deus abençoe a todos nós e aos nossos governantes para que possamos efetivamente encontrar caminhos corretos para a boa educação e evolução mental /espiritual.

ATPC – AOS TÃO POUCO COERENTES

Publicado em 02 de julho de 2013 por Teresa C. M. de Araujo

Ao final de cada bimestre algumas escolas, inclusive a minha, entregam um questionário avaliativo em relação aos ATPCs (antigo HTPC, reunião pedagógica periódica) e o desempenho dos coordenadores.

Muitos professores respondem anonimamente a este tipo de questionário. Temos que colocar a “cara a tapa”, escrever o que vemos e pensamos e não termos receios de assinar em baixo. Nas escolas Estaduais, nos ATPCs, faltam preparo, mais informações e formação de professores. O que vejo em ATPCs são professores tricotando, falando mal dos colegas e coordenadores passando vídeos e textos com teores motivacionais obsoletos.

Discursos vazios.

Utopia minha querer que haja nestas reuniões pedagógicas estudos apurados de leis referentes à educação, normas e regras de conduta e mais cursos e capacitações durante os ATPCs.

Em meus mais belos sonhos de docência vejo a cada semana estudos de leis do Estado e Município, estudos detalhados do ECA e, mais, reservar semanas para estudar conceitos e pensamentos de grandes autores pertinentes ao sistema educacional. Nossa realidade, hoje, é o incentivo coercivo à projetos criativos e inovadores, pois estes tipos de trabalhos nos são impostos para que as escolas possam mostrar “serviço” às diretorias de Ensino e Secretaria da Educação. Particularmente gosto muito de fazer projetos e aplicá-los em sala de aula, mas isto deve ser um prazer e não uma obrigação para o professor.

Utopicamente o foco das escolas deveria ser os alunos e não uma mera preocupação com números, estatísticas e bonificações. Mais educação e ética e menos números e estatísticas.

Sempre que me é apresentado estes questionários faço questão de mostrar minha opinião, sugestões e assino em baixo.

ORAÇÃO DAS ÁGUAS

Publicado em 11 de julho de 2015 por Teresa C. M. de Araujo

Senhor meu Deus,

Prometo conservar as águas; comprar no mínimo três caixas d'água ou quaisquer recipientes que captem águas das chuvas e da máquina de lavar roupas.

Escovarei os dentes com a canequinha do lado. Banhos não passarão de dez minutos; nos dias de lavar o cabelo, ensaboarei o cabelo com o chuveiro desligado.

Só peço, imploro em nome de Jesus Cristo que nos traga águas em abundância; que nossos rios, lagos, represas e açudes transbordem com águas abençoadas para o consumo.

Eu, junto a milhares de pessoas, economizarei sempre; na seca ou nas estações de chuva; com estiagem ou abundância de águas...

Nos dias de lavar...

Meu carro, quintal e garagem...

Lavados serão com balde e escovão.

Ensaboar a louça e só ligar a torneira quando derradeiramente for enxaguar.

Amém.

MARIDO À VENDA

Publicado em 15 de março de 2017 por Teresa C. M. de Araujo

Fui a um grande supermercado comprar um marido geração 3010. Aproximei-me do vendedor:

_ Por favor, gostaria que me mostrasse o novo modelo de maridos da geração 3010.

_ Claro. Senhora. Acompanhe-me.

Seguindo o vendedor até um galpão de grande extensão e de pouca luz vi admirada centenas de grandes "homens" em caixas transparentes.

_ Bem. Temos todos os tipos: os sensíveis, os brutos, economistas, domésticos, linha empresarial, operário, mas as características físicas e anatômicas "se é que a senhora entende" não variam muito, pois são especificações de pesquisa "unânime" de mercado.

_ Entendo e sei bem disto, pois trabalho com pesquisas de mercado _ menti, pois sou professora, solteirona e desiludida da vida.

_ Entendi_ Tom malicioso e jocoso do vendedor que continuou _então tem alguma preferência?

Preferência!?! Risadas irônicas de tom sarcástico penetraram pelas extensões do galpão.

_Sim. Qual seria? _ Insistiu na indagação.

_Ah! Querido, eu prefiro um homem de verdade, de carne e osso, mas vivemos em uma sociedade em que os bons e decentes envelheceram ou já morreram. Minha preferência seria um humano com todas as qualidades e defeitos possíveis, mas que no mínimo soubesse ser gentil e agradável e, mesmo que não sincero, soubesse disfarçar e fingir sua fidelidade e exclusividade.

Estarrecido e estagnado, o vendedor não conseguia replicar, mas soltou interjeições incompreensíveis:

_ Ah! Euuu...!h!

_ Vou levar o modelo doméstico, sei que vem com muitas programações culinárias, assim como de limpeza e higiene. Fico muito tempo fora de casa e preciso que limpe a casa, prepare meu jantar e... Se eu estiver disposta mais tarde...

_ Ok! _ Sem palavras o vendedor providenciou a mercadoria para a jovem senhora.

Ceticismo amoroso ...Não há mais como a humanidade voltar atrás e conquistar a confiança em si mesma como um todo.

SUCO DE LARANJA, PANDEMIA, PÓS- PANDEMIA E SUAS HISTÓRIAS.

Publicado em 13 de dezembro de 2022 por Teresa C. M. de Araujo

Há muito tempo, em um país muito distante chamado Brasil, mais especificamente no vilarejo de São Paulo houve uma grande catástrofe epidemiológica... corrigindo... ocorreu uma pandemia que prejudicou não somente o Brasil, mas todo o planeta Terra.

Bem, mas voltando ao vilarejo São Paulo, o governante deste lugar decretou que tudo deveria parar e chamou este fenômeno de lockdown que foi, basicamente, fechar quaisquer tipos de comércio e demais estabelecimentos e afins.

O governante maior do nosso país tão... tão... tão distante não concordava com o governador de nosso vilarejo São Paulo, mas para ajudar aqueles que passavam fome instituiu um auxílio emergencial, mesmo assim, milhares de pessoas passavam fome.

Muitos parabenizaram e apoiaram o governador do vilarejo, mas outros criticavam, de forma negativa, dizendo que a economia do vilarejo, assim como do país todo era mais importante que a saúde pública.

Particularmente creio que se a economia para... o que ocorre é um grande colapso com um efeito dominó monstruoso, ou seja, sem comércios não há empregos, sem empregos nada de arrecadações de impostos e, assim por diante, o que se agrava é a ausência de subsídios para hospitais, postos de saúde entre outros estabelecimentos da área da saúde.

A economia de um país é o alicerce de todos os outros setores como a segurança, a saúde e educação, por exemplo.

Agora, iremos nos focar na história de um infame setor de nosso vilarejo, a educação.

O governador de nosso vilarejo chamado São Paulo mandou fechar as escolas e os professores foram dar aulas online em home office. Por um

tempo alguns professores gostaram da ideia, inclusive eu, pois não havia o estresse de sermos ameaçados, chacoteados e agredidos como já ocorria presencialmente já por muitos anos.

Entretanto, o cérebro humano é uma caixinha de surpresas...as demandas educacionais se multiplicaram em um nível sem precedentes...busca ativa, metodologias ativas, de forma reativa, nossos corpos e cérebros ficaram voláteis e de tempos em tempos, durante o lockdown, professores explodiam como bombas-relógio. Foram muitas estafas, estresses e fobias adquiridas.

Mas o governador de nosso vilarejo deu declarações como: “não pago professores para ficarem em casa tomando suquinho de laranja”.

Ordinariamente, ou, de forma aviltante, nos fez trabalhar insultando-nos, mesmo sabendo que milhares de professores, não só de nosso vilarejos, mas de vários vilarejos e províncias, também, trabalharam vinte e quatro horas por dia para atenderem as necessidades acadêmicas de nossos estudantes.

Muitos professor se descobriram “youtubers” dando aulas de excelência tanto em seus conteúdos quanto em seus componentes gráficos e audiovisuais, mas, mesmo assim, tanto o governador quanto os demais cidadãos de nosso vilarejo não reconheceram os “mágicos dons” de professores que, mesmo em home office, preparavam conteúdos diversificados, gravavam aulas inusitadas e, mais, ligavam para os responsáveis para saberem como estavam os seus pupilos.

Lockdown foi uma temeridade tanto para os professores quanto para os alunos. Muitas famílias passaram fome, crianças e adolescentes foram abusados e, ou, maltratados em suas residências. Um sofrimento silencioso que cortava a carne e a alma de muitos..., mas com o lockdown... gritos foram abafados em nome de um sistema de contenção ineficaz.

Pragas, epidemias e pandemias sempre deixam marcas indelévels, portanto, o lockdown ampliou estas marcas com as injustiças e as inúmeras violências sofridas por nossos jovens.

A CURA

Imaginem a escola assolada por um vírus e que todos os adolescentes e crianças foram infectados e ficaram doentes, tudo bem, a escola representa o nosso planeta, mas e o vírus? O que o vírus representa?

Representa a ignorância, a falta de vontade de aprender ou um sistema educacional que falha em diminuir as quantidades de aulas e horas das disciplinas mais importantes para o desenvolvimento de um cidadão que são os casos de Língua Portuguesa e Matemática.

Sabemos que os infectados simbolizam a civilização, (os adolescentes e crianças), mas o que isso significa dentro de nossa sociedade?

A apatia e o desprezo pelo conhecimento, ou, talvez, o “populacho” sem vontade de criticar, pensar e lutar por um futuro melhor... pois é mais fácil seguir um “mundaréu” de gente que caminha lentamente e, ao mesmo tempo, inerte à procura da sobrevivência.

alguns ainda estão lutando para deter, ou, curar os infectados, mas, mesmo assim, há baixas neste grupo que ainda luta. Com certeza estes simbolizam nós, os professores que estão cansados, mas não desistem... mesmo muito cansados dos ataques... e muitos acabam morrendo, ou, pior, viram mortos-vivos que trabalham sem expectativas, ou, perspectivas de melhoras tanto no sistema quanto em relação às condições de trabalho.

E a cura para este vírus qual seria? As escolas integrais? Projetos de vida? Eletivas? Itinerários formativos?... ou seria mais aulas de matemática, língua portuguesa, história, química. Física, filosofia, entre outras tantas disciplinas que formam um cidadão crítico e ativo em nossa sociedade?

Pensem um pouco e respondam a si mesmos... para tirarmos nossos jovens da inércia qual seria a cura?

AS CONOTAÇÕES QUE A VIDA DÁ...

Uma professora muito paciente ensinava aos seus alunos os conceitos de denotação e conotação, pois precisava aprofundar os estudos dos alunos do 9º ano em relação aos conteúdos de figuras de linguagem.

Sem muito êxito começou a indagar os alunos sobre as questões da vida e como “traduziria- as” para a forma conotativa ou figurativa.

-- João! -- chamou a professora-- o que mais gosta de fazer?

-- Eu, professora? Nada. Só gosto de ficar em casa o dia inteiro fazendo nada.

-- Bem, mas já é algo. Tente mudar esta oração, ou, esta sua resposta, ou seja, tudo o que me disse de forma conotativa.

-- Ixi! Espere um pouco, deixe eu pensar, professora...

-- Tudo bem, eu espero.

-- Boiando. Sentado vendo a vida passar como paisagens na TV.

-- Olha! Muito bom! Boiando é gíria e, também, uma metáfora “fazer nada”, pois tirou o sentido original de “boiar” para colocar um novo significado. A vida não é uma pessoa para “passar por aí”, então, você acabou usando uma personificação, ou seja, a vida ganhou uma característica humana e, por último, com a preposição “como” fez uma comparação entre a vida e as paisagens na TV.

A professora olhou com admiração para Joãozinho, pois ele anotava tudo o que ela ensinava e via no aluno o semblante dos sábios que captam os segredos.... os mistérios da vida.

-- Muito bom mesmo! Nota dez! -- contemplou a sala procurando o seu próximo interlocutor -- Daniel, diga-me, o que gosta de fazer e em seguida tente mudar sua oração para a forma conotativa (figurativa).

Um olhar frio e insolente. Parecia que não iria responder a professora, mas para a surpresa da profissional da educação, ele respondeu:

-- Esta aula é ridícula, nunca usarei isso na vida e não perca seu tempo tentando ensinar algo que não faz sentido.

-- Nossa! Você está inspirado! Agora sim que duvido de sua competência para organizar sua oração, ou seja, a sua fala para a forma conotativa.

-- Deusa da sabedoria! Este é um circo de horrores, pois morrerei se não mirar no rato e acertar no gato? Não vou gastar o meu tempo e nem o seu para fazer uma transfusão de conhecimentos. Não há fio da meada em tudo isso.

Horrorizada, sem palavras, a professora constatou que o aluno rebelde entendera o sentido conotativo: ironia e perífrase (deusa da sabedoria= professora); metáforas (circo de horrores; mirar no rato e acertar no gato; fio da meada; gastar tempo); personificação (transfusão de conhecimentos); hipérbole (morrerei se...). Sem contar que existe uma elipse de termo (não vou gastar o meu tempo __ e nem o seu 'tempo')

Ouvindo a explicação da professora, sobre os termos, o aluno sentiu-se desarmado em sua indiferença e arrogância, já percebendo que mesmo não conhecendo termos técnicos, ou, no caso, as classes gramaticais das palavras... uma hora ou outra, em determinadas circunstâncias, sempre, usaremos aquilo que alguém nos ensinou.

A LENDA DO ELEVADOR DA ESCOLA

Sentada diante a mesa da sala dos professores com o aperto no coração de fim de ano, lembrei-me de uma história que me contaram sobre a escola onde trabalho.

Há muito tempo, talvez, quase cinquenta anos atrás, uma jovem aluna, grávida, que estudava no período noturno, sinalizou o elevador que muito rápido abriu suas portas e, imediatamente, sem olhar, a jovem adentrou o passo, mas, infelizmente, o que ela não percebera a tempo era que não tinha elevador, mas, sim, um fosso escuro e úmido.

Infelizmente, a jovem caiu no fosso do elevador, mas o que me contaram é que, o pior estava por vir... de repente o elevador desceu tão rápido quanto uma ave de rapina quando avista um saboroso rato para a sua refeição.

A jovem que vamos chamar de Maria, não havia morrido na queda do fosso, mas, de forma medonha e grotesca, logo em seguida de sua queda, o elevador resolveu descer esmagando, assim, a pobre Maria.

Deste dia em diante foi desativado o elevador e muitos alunos e professores, até hoje, escutam rangidos, gritos e choros quando passam por perto do elevador.

Cada escola tem suas histórias de fantasmas. Qual é a história de fantasma de sua escola? Será que é possível? Particularmente, não creio em fantasmas. E você, acredita?